

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 15, número 1 (2024)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Entrevista e Tributo *In Memoriam* do Professor Robson Paim: um breve olhar sobre gênero e sexualidade na Geografia

Entrevista y Homenaje in memoriam del Profesor Robson Paim: una breve mirada al género y a la sexualidad en la Geografía

In Memoriam interview and Tribute to Professor Robson Paim: a brief look at gender and sexuality in Geography

Carlos André Gayer Moreira
Secretaria Municipal de Educação de Bagé – Brasil
cazandreh@gmail.com

Como citar este artigo:

MOREIRA, Carlos André Gayer. Entrevista e Tributo in memoriam do Professor Robson Paim: um breve olhar sobre gênero e sexualidade na Geografia. Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, v. 15, n. 1, p. 5 - 29, 2024. ISSN 2177-2886.

Disponível em:
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Entrevista e Tributo *In Memoriam* do Professor Robson Paim: um breve olhar sobre gênero e sexualidade na Geografia

Entrevista y Homenaje in memoriam del Profesor Robson Paim: una breve mirada al género y a la sexualidad en la Geografía

In Memoriam interview and Tribute to Professor Robson Paim: a brief look at gender and sexuality in Geography

Resumo

Tendo em vista a proposta deste dossiê, o texto aqui apresentado traz uma entrevista como forma de tributo à memória do Professor Robson Olivino Paim. Na época docente de Geografia, na Universidade Federal da Fronteira Sul, no Campus Erechim/RS, Robson havia sido entrevistado para a tese de doutorado "Geografias *Queer* & Currículo: Por uma educação geográfica fora do armário", tendo sido no ano seguinte assassinado de forma impiedosa, em um crime marcado pela homofobia. Em tal entrevista, o professor havia sido perguntando sobre assuntos relativos a gênero e sexualidades, e suas respostas, agora publicadas, convidam-nos a refletir sobre a Geografia e seu papel diante das relações de gênero e sexualidades, em uma sociedade ainda brutalmente discriminatória e desigual.

Palavras-Chave: Gênero; Sexualidades; Geografia; Homofobia; Currículo.

Resumen

Dada la propuesta de este dossier, el texto que aquí se presenta trae una entrevista a modo de homenaje a la memoria del profesor Robson Olivino Paim. Cuando enseñaba Geografía, en la Universidad Federal de la Frontera Sur, en Erechim, en el estado brasileño de Rio Grande do Sul. Robson había sido entrevistado para una tesis doctoral titulada *Queer Geographies & Curriculum: Para una educación geográfica fuera del armario*, habiendo sido asesinado sin piedad al año siguiente, en un crimen marcado por la homofobia. En esta entrevista, se preguntó al profesor sobre cuestiones relativas al género y las sexualidades, y sus respuestas, ahora publicadas, nos invitan a reflexionar sobre la Geografía y su papel en relación con las relaciones de género y las sexualidades, en una sociedad todavía brutalmente discriminatoria y desigual.

Palabras-Clave: Género; Sexualidades; Geografía; Homofobia; Plan de estudios.

Abstract

In view of the proposal of this dossier, this text presents an interview as a form of tribute to the memory of Professor Robson Olivino Paim. While teaching Geography at the Federal University Fronteira Sul, Campus Erechim/RS, Robson was interviewed for the doctoral thesis "Queer Geographies & Curriculum: For an 'out of the closet' geographic education" and was mercilessly murdered the following year in a homophobic hate crime. In that interview, the professor was questioned by the researcher on issues relating to gender and sexualities, and his answers, now published, invite us to reflect on Geography and its role in gender relations and sexualities, in a society that is still brutally discriminatory and unequal.

Keywords: Gender; Sexualities; Geography; Homophobia; Curriculum.

Carlos André Gayer Moreira



Do fim ao começo

Ao finalizar a escrita de minha tese de doutorado, uma afirmação de Michel Foucault não me saía da mente, até o momento em que a posicionei como epígrafe de meu trabalho. Em sua colocação, logo no início da obra "A Ordem do Discurso", o autor diz: "Gostaria de ter atrás de mim... uma voz que dissesse: É preciso continuar, eu não posso continuar, é preciso continuar, é preciso pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem" (Foucault, 2007, p. 6).

Escolhi tal frase como epígrafe, naquela época, por me parecer muito coerente com aquilo que busco com a minha escrita: falar, enquanto for possível, para que essas falas, cujas quais reconhecemos como importantes, também nos encontrem pela vida afora. Falar e escrever, portanto, sobre o que me "toca", o que mexe com minhas ideias e o que mexe com minhas emoções, enquanto pesquisador, enquanto ser humano, enquanto homem gay que sou.

Jamais eu poderia imaginar que essa frase também faria referência *in memoriam* a um dos entrevistados pela pesquisa por mim realizada. Jamais eu poderia supor que qualquer um dos próprios pesquisados se tornaria vítima fatal de um crime hediondo, relacionado com os assuntos abordados pelo meu trabalho. Mas esses são os fatos, essa é a realidade concreta, que nos escancara a barbárie ainda presente em nossa sociedade.

Por esse motivo, este texto tem o objetivo de apresentar uma entrevista, realizada e gravada presencialmente, em 6 de dezembro de 2019, com o Professor Robson Olivino Paim, acerca da inclusão das temáticas de gênero e sexualidades na Educação Geográfica.

Na ocasião, conversamos por cerca de uma hora e, em meio a goles de café, o referido professor, além de responder às questões pertinentes à minha pesquisa de doutorado, falou sobre sua própria vida, sua história e a relação com estas temáticas em seu cotidiano.

Robson era Professor efetivo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim/RS, na área de Ensino em Geografia, onde era tido como alguém querido e admirado por todos, alunos, colegas e amigos.

Robson teve sua vida brutalmente ceifada deste mundo, no dia 16 de abril de 2021, tendo sido vítima de um horrendo crime de ódio, com traços de homofobia. Contudo, apesar de agora estar presente na triste estatística brasileira sobre crimes por homofobia, Robson não é apenas um número e sua história não se resume a isso. Por isso, este texto é também um tributo à sua memória, suas ideias e uma forma de enaltecer sua voz, justamente no tocante a esses assuntos.

Pensando nesse objetivo, este texto traz praticamente todo o conteúdo da entrevista, que ainda não havia sido publicado, selecionando as principais perguntas dirigidas ao professor, durante a pesquisa de campo realizada para a tese, e estando organizado para apresentar um esquema sequencial da presente forma: inspirações teóricas da pesquisa > questionamentos ao professor entrevistado e respostas > comentários e considerações do autor/pesquisador, ao final.



Inspirações Teóricas da pesquisa

Quaisquer comentários proferidos em entrevistas não são nunca meros “atos de fala”, que ocorrem de maneira casual. Dessa forma, para além de simples manifestações sobre as falas dos entrevistados, e do Professor Robson em específico, todos comentários estarão orientados pela análise do discurso inspirada em Foucault, utilizada na pesquisa.

Para que haja melhor compreensão de como funciona essa análise, observemos aqui, brevemente, algumas considerações sobre tal empenho analítico, antes de dar prosseguimento diretamente à entrevista.

Chamo atenção a isso, porque quando nos dedicamos a entrevistar, precisamos “processar” o que é dito, observar os sentidos que são posicionados, conforme Orlandi (1999, p.9) nos atenta:

Não temos como não interpretar. Isso, que é contribuição da análise do discurso, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem.

Isto não quer dizer que a análise do discurso de inspiração foucaultiana se preocupa em delimitar reais intenções dos interlocutores ou uma verdade a ser encontrada, mas se preocupa em compreender que efeito de verdade tal discurso pode produzir ao ser elaborado, ou seja, compreender reverberações materiais e imateriais que podem estar vinculadas a uma ou outra formação discursiva.

Por outro lado, segundo o próprio Foucault (2008), é preciso, ainda assim, compreender o discurso como algo que pode ser percebido a partir dos recursos e condições disponíveis para que o mesmo seja pensado em determinada época e lugar.

[...] por mais que o enunciado não seja oculto, nem por isso é visível; ele não se oferece à percepção como portador manifesto de seus limites e caracteres. É necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo (Foucault, 2008, p. 126).

Por esse motivo, tal dispositivo analítico se torna interessante, porque permite que se observe o que está sendo dito, escrito, mostrado, em nuances e encadeamentos para além da letra fria no papel ou da palavra proferida como obra do acaso.

A análise do campo discursivo [...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (Foucault, 2008, p. 31).

No entanto, se a pretensão é contar com uma análise do discurso foucaultiana para refletir e comentar algumas das questões empregadas na entrevista, é preciso também retratar aqui então, ainda que brevemente, o que

significa enunciado, formação discursiva e discurso, para Foucault. Assim, o autor sinaliza:

Por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas consequências, por mais facilmente esquecido que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (Foucault, 2008, p. 31-32).

Desta forma, o enunciado, enquanto remete às manifestações e ocorrências da linguagem, seja ela textual, oral ou visual, também se vincula àquilo que está “guardado” e não falado, mas não esquecido.

No próprio jogo complexo de negociações que acontece dentro do campo do discurso, os enunciados podem ter diferentes formações, que podem ser identificadas por meio da combinação de sentidos que adotamos ao nos comunicarmos e analisarmos alguma comunicação.

Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo. Mas enquanto a regularidade de uma frase é definida pelas leis de uma língua, e a de uma proposição pelas leis de uma lógica, a regularidade dos enunciados é definida pela própria formação discursiva (Foucault, 2008, p. 132).

Dentro dessa concepção analítica, para Foucault (2008), o enunciado deve ser observado a partir de alguns elementos básicos, como: o referente – aquilo sobre o que se comunica, ao qual se faz referência; o sujeito – aquele que (re) produz o enunciado sobre algo, podendo ser pessoas, instituições, órgãos, etc.; a correlação entre enunciados – ao não serem considerados nunca isolados, mas atrelados a outros enunciados convergentes ou divergentes, formações discursivas, discursos; e a materialidade dos enunciados – a concretude de suas formas de aparição, sejam elas textuais, visuais, orais, etc. (Moreira, 2021, p. 42; Fischer, 2001, p. 201-202).

Mesmo o fato de falarmos ou calarmos sobre determinadas pautas, as palavras que selecionamos e a maneira como expomos determinados assuntos também reflete o tipo de formação discursiva que escolhemos ou utilizamos para dar condições de um enunciado existir.

Assim é/foi também o caso de determinados discursos sobre sexualidade e gênero demonstrados ao longo da história, muitas vezes, produzindo efeitos de

verdade ora ancorados em uma perspectiva religiosa, ora jurídica ou biológica/médica.

Podemos perceber que enunciados de aversão à homossexualidade, por exemplo, podem surgir de diferentes regiões do discurso, e, ainda assim, apoiarem-se ou combinarem, empregando sentidos de pecado, crime ou doença, porém, algumas vezes, distinguindo-se no que se refere ao tratamento dado às pessoas homossexuais, variando desde curas e punições ou penitências divinas, prisões e penas de morte ou propostas de conversão de sexualidade.

Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja (Foucault, 2008, p. 112).

Deste modo, se pudermos pensar no discurso como algo fluído, cambiante, no qual as negociações de sentidos ocorrem, as formações discursivas podem ser vistas como regiões circulares convectivas, nas quais os enunciados se movimentam. Não círculos intransponíveis ou imutáveis, mas regiões que preservam reiterações, semelhanças, apoios e exclusões ou silenciamentos, enfim, relacionados a enunciados que se direcionam a determinados referentes, manifestam-se de determinada forma e, assim, retroalimentam o próprio movimento convectivo presente nessas regiões do discurso.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva... (Foucault, 2008, p. 43).

É pensando nisso, no discurso como um complexo conjunto de sentidos e práticas sociais, no qual os enunciados se movimentam e se vinculam a diferentes formações discursivas, que podemos observar, portanto,

Um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização: um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas —aplicações práticas), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política (Foucault, 2008, p. 136-137).

No entanto, isso não ocorre por mera força de vontade dos sujeitos e nem pela simples apresentação de poucos novos enunciados. O sujeito pode ser um dos agentes produtores do discurso, mas é também um de seus vetores. Isso quer dizer que o discurso em si se desloca mais para o âmbito da cultura do que para o âmbito individual do sujeito.

Também significa que possui uma dinâmica própria, que obedece a certas regras, é delineado em um jogo complexo de relações ao longo do tempo,



negociações estas que consideram os sujeitos, enquanto elemento, mas não estão limitadas por estes.

Ao compreender as formações discursivas dos enunciados, então, sendo estes encarados como acontecimentos produzidos (e produtivos) que são, para o analista interessa conhecer suas materializações, as relações históricas que os possibilitam, entender suas conexões e efeitos. E, para isso, o discurso precisa ser encarado como algo que permeia as práticas sociais e, portanto, também é permeado por elas, ou seja, como um “bem” que pode, de alguma maneira, ser investigado, diante das relações de poder.

Isso tudo, obviamente, é possível a partir das dispersões capturadas de diversos sujeitos participantes da pesquisa, sabendo que um discurso não tem início nas suas falas, mas que, enquanto atravessa os sujeitos em sua mobilização (e verbalização), podemos fazer um exercício de suspendê-lo, ainda que temporariamente, pois:

A teoria do discurso está intimamente ligada à questão da constituição do sujeito social. Se o social é significado, os indivíduos envolvidos no processo de significação também o são e isto resulta em uma consideração fundamental: os sujeitos sociais não são causas, não são origem do discurso, mas são efeitos discursivos (Pinto, 1989, p.25 *apud* Fischer, 2001, p. 207).

Cabe aqui destacar, então, que sujeito para Foucault não se resume ao indivíduo que toma importância social só diante de um protagonismo de ser “autor da própria história” e luta politicamente, mas seu sentido está atrelado ao fato de esse indivíduo se subjetivar e estar sujeito aos processos decorrentes das ações, relações (também de poder) e discursos aos quais está relacionado.

[...] embora seja verdade que o sujeito é constituído simbolicamente, ele é, sobretudo constituído por práticas reais, historicamente analisáveis. [...] Importa, portanto, deter-se sobre essas práticas – discursivas e não discursivas –, para compreender a rede diferenciada de poderes e saberes que nos produzem (Fischer, 2001, p. 218).

Nesse sentido, o sujeito não é (e nem deve ser) entendido como mera identidade particular, mas como categoria (por vezes até mesmo coletiva) para se referir ao elemento social que pode ser simultaneamente produtor e produzido pelos discursos, falante e falado pelo discurso.

Portanto, é assim que esta entrevista do professor Robson deve ser entendida, como uma mobilização de sentidos que auxilia na ruptura de padrões heteronormativos e sexistas. Padrões que inculcam visões restritivas de gênero e sexualidade na sociedade, que chegam às instituições, universidades, escolas, currículos, disputando espaços nas relações de poder, enviesando-se pelo conservadorismo.

Visões restritivas estas, aqui criticadas, que muitas vezes servem apenas para a manutenção de privilégios e a prostração de movimentos sociais, como o caso dos movimentos feministas e LGBTs¹. Mais do que isso, a propagação dessas visões termina por ser também corresponsável pelas agressões e mortes sofridas pelas pessoas que se encontram na manifestação de identidades de



gêneros e sexualidades dissidentes de tais padrões², como foi o caso do querido professor Robson.

O esperado é que aqui, ao menos uma parte de suas considerações sobre tais assuntos possa ser “ouvida”, comentada e refletida, por nós, homens e mulheres, professores/as pesquisadores/as, que fazem da Geografia um caminho de trabalho para a própria manutenção da vida.

Para isso, agora segue apresentada e comentada a entrevista do professor praticamente na sua integralidade. Havendo questões mais objetivas e mais subjetivas. Assim como com outros participantes, Robson confluía sua subjetividade, suas pesquisas, seu cotidiano e sua corporeidade de forma brilhante ao responder. Vejamos, a seguir, um pouco de suas perspectivas e o que o mesmo relatou à época da entrevista.

Uma conversa para ficar na memória

Antes de iniciar minhas entrevistas junto aos professores pesquisados, refleti muito sobre quais informações seriam importantes saber sobre os sujeitos pesquisados, de onde partiram, quais suas visões de mundo e de Geografia, quais assuntos lhes afetavam e como suas falas poderiam contribuir para pensar o currículo e a formação de professores.

Não faria sentido entrar em uma empreitada submersa em perspectivas pós-críticas se não fosse para valorizar a subjetividade dos próprios sujeitos pesquisados e aquilo que os toca enquanto seres humanos, que é importante para sua identidade, sua corporeidade, seu dia-a-dia.

Então, como uma das primeiras questões que fiz ao querido professor Robson Paim, perguntei: "Para você, o que é Geografia?"³ Ao que, no momento, o mesmo me respondeu:

Olha... eu acho que não existe como separar tanto essa questão do conceitual como da questão pessoal, porque a gente (vai) se construindo também, né, a partir do conceitual. Mas, a Geografia pra mim hoje, é muito mais do que o espaço vivo do Homem... Hoje eu olho pra Geografia muito mais pensando como que os sujeitos estão colocados nesses espaços, como que os espaços atuam na própria produção da individualidade, da subjetividade desse sujeito, do que necessariamente compreender só o espaço como um resultado do ser humano. Acho que existe uma linha muito tênue entre como os espaços constituem os sujeitos e como os sujeitos constroem o espaço. E a Geografia, na minha percepção, ela tá como uma ciência que nos dá os caminhos, os elementos pra compreender essas duas faces:

1 O termo LGBT, neste texto, refere-se à comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, e foi escolhido por ser um dos mais difundidos e o mesmo utilizado à época, mas não despreza a atualização em relação a outras identidades e sexualidades dissidentes.

2 Ver nas referências da ABGLT (2016) e no relatório sobre violência homofóbica (Brasil, 2012).

3 Ao longo do texto haverá partes grifadas por mim para sinalizar atenção à pergunta ou destacar trechos mais relevantes em algumas respostas.

como o espaço é produzido no contexto das relações em diversas escalas, mas também no contexto de como que essas próprias relações constituem os sujeitos, individual ou coletivamente.

Considerando essa primeira pergunta e a resposta do Professor Robson, já podemos perceber uma preocupação, um cuidado com a relação entre o conhecimento construído conceitualmente e a vida dos sujeitos em sociedade, com suas mais variadas formas de identidade, de forma que podemos pensar na Geografia como “especialização da vida”, em seus múltiplos aspectos.

Penso que, além das leituras próprias sobre a importância das corporeidades e das subjetividades diante das (trans)formações espaciais, há uma empiria muito particular em nós, homens gays, no que se refere à perspectiva de pensar as relações sociais como fatores relevantes para acesso, atração ou aversão aos lugares por onde circulamos ou pelos quais deixamos de circular.

Aqueles que não correspondem aos corpos e comportamentos padrões considerados legítimos ou “dignos” do direito de “ir e vir” têm suas liberdades controladas e cerceadas espacialmente. Os símbolos LGBTfóbicos estão inscritos nos muros grafitados das cidades, nas bandeiras que apontam para o conservadorismo heteronormativo, nas portas de instituições e empresas fechadas à diversidade, nos corpos padronizados, que funcionam como barreira física de rechaço aos corpos dissidentes, ou seja, a nós.

Na continuidade da entrevista, questioneei a Robson se “...Estando na UFFS, ainda que não se tenha um coletivo bem formado ou um movimento, as relações de Gênero e de Sexualidade, elas estão presentes? Elas são evidentes? Elas são visíveis...?” Tendo obtido como resposta o seguinte:

Nós temos algumas demandas institucionais, mas acabam sendo mais individuais, atividades pontuais das alunas. E aí é uma coisa que acaba sendo, de certa forma, característico. E talvez não característico só nosso, mas algo que reproduz também o ambiente externo, é que quem se levanta pra discutir questões de Gênero são mulheres, e em real, no contexto do nosso Campus, mulheres Cis, vinculadas a outros movimentos sociais, fora da universidade.

Ou também, em menor grau, heteros, que tiveram filho recentemente e começam a discutir ou a querer que a universidade crie políticas que considerem essa característica de ser mãe, mulher, pesquisadora, que nesse momento de ter o filho até o filho ter uma certa idade, a produtividade acadêmica reduz. Então, outro movimento que aparece nesse sentido é o movimento das mães quererem ser compreendidas enquanto mulher, mãe, pesquisadora, e que a universidade olhe essa condição dela e não olhe apenas na condição de servidora. Então esse é um movimento que tem aparecido, embora não tenha tomado as proporções que deveria ter tomado na nossa percepção...

Esse ponto levantado por Robson me faz lembrar muito das colocações que encontramos na literatura sobre o quanto os movimentos de mulheres foram cruciais na abertura de bons caminhos para que as discussões sobre gênero e sexualidades pudessem florescer, mesmo no âmbito dos estudos geográficos, “No caminho crítico aberto pela luta das mulheres por sua

visibilidade na geografia, desenvolveram-se os estudos 'queer' ou geografia das sexualidades” (Silva; Nabozny; Ornat, 2010, p. 25).

Para além dessas problematizações trazidas, é interessante pensar o quanto as relações de gênero ainda estruturam a sociedade com opressões e assimetrias/desigualdades em múltiplas camadas, mesmo dentro dos espaços considerados combativos e “abertos”, como é o caso das universidades e institutos de educação. Isso só a reforça a convicção sobre o fato de que ainda estamos muito aquém da resolução de tais desigualdades, pois ainda lidamos com dificuldade com questões estruturais mais visíveis socialmente, como é o caso do combate ao feminicídio, agressões, falta de oportunidades e acesso a poder (político, econômico, cultural, etc.).

Para cada um destes aspectos, existem ainda muitos traços latentes e camadas sutis a serem (re)vistos particularmente, e é provável que todas essas nuances sejam mais intensificadas em localidades menores onde a discussão é diminuta ou mesmo inexistente, algo que tenho percebido cotidianamente nos últimos anos, onde tenho vivido em uma cidade menor do que a aquela onde nasci/cresci.

Já sobre outro ponto, mais voltado às sexualidades, ainda dentro do mesmo questionamento, Robson apontou:

Uma outra característica, agora pensando mais do ponto de vista LGBTQ... Essas demarcações de território são mais individuais, as mulheres Cis-Hetero conseguem se delimitar e se organizar melhor, nos movimentos institucionais, como o movimento das mães, das estudantes. Os estudantes gays, principalmente, ou travestis, enfim, o posicionamento acaba ficando muito mais no âmbito do corpo, da indumentária, para demarcar o território, eu sou e estou assim. Mas não tem aparecido ainda dentro da universidade movimentos organizados para pôr em debate essa pauta. Embora eu saiba que muitos dos nossos estudantes estão vinculados a coletivos aqui da instituição, como por exemplo o coletivo Igualdade do Alto Uruguai, que é um coletivo que congrega gays, lésbicas, transexuais e transgêneros aqui da região.

Nessa perspectiva, o corpo e a individualidade assumem papel central nas reivindicações posicionadas e, ao mesmo tempo, deflagra uma dificuldade de mobilização política maior, no sentido da coletividade.

Esta ausência de uma força maior no movimento LGBT diante da luta política é delimitada de forma multifatorial, entrando em jogo diversos fatores locais, como: tempo de organização (do movimento), história da formação populacional, capacidade de acolhimento e de recursos, campanhas informativas, capilaridade de políticas públicas, etc., e até mesmo a cultura da população LGBT local (referências, dinâmica das relações interpessoais e rivalidade/disputa intraespecífica).

É nesse jogo, entre local e global, sujeito e coletividade, que se constrói a pavimentação para um caminho de conquistas políticas, na qual quanto maior estreitamento de relações dos sujeitos entre si e para com a(s) coletividade(s), em seu sentido amplo, mais possibilidade de permeabilidade do próprio

movimento em outras escalas. Dessa forma, facilita-se, assim, a mudança dos cenários socioespaciais e das relações com outros setores da sociedade.

Como ainda não havia perguntado diretamente, na sequência, propus ao professor: "[...] Eu gostaria que tu me colocasses a tua percepção sobre o que é Gênero. Quando tu entras em contato com essa palavra, ao que te remete?"

Em geral, e em linhas bem gerais também, a ideia de Gênero, para mim, tá muito ligada às diferentes dimensões do ser, estar e aparecer no mundo. Como você se pensa no mundo, como você se porta em relação a esse mundo e como que você vai criando sinais dentro da tua identidade, seja uma identidade mais objetiva, daquilo que você consegue ver, como uma identidade mais subjetiva, de como você consegue se ver. [...] Aí, é claro, que tem toda uma questão mais ampla, do para além de ti, de como você se relaciona com a sociedade, a partir dessa forma de como que você se vê, como que você se porta, como que você se sente. O que é uma construção muito pessoal, e de como que a sociedade olha para você, e esse olhar carregado também de subjetividades sociais, e como que ela vai dizer que você deveria se portar nesse mundo ou não, onde que você é aceito ou não...

Toda essa fala do professor se relaciona, sobretudo a parte em destaque, com o que já vinha sendo trazido por Scott (1995) e Butler (2003) sobre o gênero ser uma categoria estruturante e construída social e historicamente, que pode ser analisada de maneira útil e objetiva para a compreensão das próprias relações e vida em sociedade.

Nesse sentido, em Butler (2003), para muito além dos atos performáticos individuais, existe uma performatividade que se dá ao longo do tempo coletivamente e de maneira a reiterar moldes normativos sobre os corpos, para garantir com que padrões de gênero (e também de sexualidade) se perpetuem.

Ao se depararem com tal estrutura social sexista e heteronormativa, pretensamente universal e padronizada, os corpos dissidentes sofrem com os embates. Diferentes discursos podem ser utilizados para manifestar essa tentativa brutal de padronização... Em muitos discursos teológicos, esses corpos são demonizados; em alguns discursos jurídicos, são corpos criminalizados; ainda, em alguns discursos médicos/biológicos (mesmo já sem embasamento científico), tais corpos são "patologizados", adoecidos, adoentados e "medicamentalizados" também.

Dando seguimento à entrevista, depois também perguntei ao professor: "E em relação à Sexualidade? A palavra 'sexualidade', ao que te remete?" Ele sinalizou assim:

Para mim, a ideia de sexualidade tá muito mais longe da ideia de sexualidade como ato sexual da pessoa que você transa ou com quem você deixa de transar. Ela tá muito vinculada aos afetos, como que você expressa esses afetos ou inclusive como que você repreende esses afetos pelas próprias questões sociais que é colocado ali. E a quem você dirige essa afetividade, aí sim vinculada com o aspecto sexual. Acho que a sexualidade, ela tem, na minha percepção, essas

duas nuances, a nuance de como você se percebe, mas também para quem você dirige esse teu desejo, teu impulso... E aí, a sexualidade, para além do biológico, acho que ela tá muito mais vinculada a como você tem os seus desejos despertados, enquanto questão afetiva, mas também as características corporais, físicas e biotípicas que te atraem. E aí, a sexualidade, na minha concepção, acaba tendo um leque, uma abertura, muito maior do que aquele binarismo 'homem/mulher', ou do que o 'gay x gay', 'lésbica x lésbica'... Pensando matematicamente uma análise combinatória, que é muito mais ampla do "quem combina com o que", ou de "quem tem desejo e porquê", como você se manifesta.

Na ocasião, como pode ser visto, Robson traz elementos da afetividade e da subjetividade para além dos aspectos biológicos e de pulsão sexual, que, combinados, representam mais do que as possibilidades inicialmente pensadas de maneira binária e/ou normativa.

Essa busca por uma compreensão mais ampla e pela qual seja possível analisar essas "combinações" e outros aspectos da sexualidade, para além dos indivíduos centrados em si mesmos, leva-nos a refletir sobre quais condicionantes são importantes para que a diversidade de sexualidades se manifeste em diferentes culturas.

Isso nos indica que, assim como o gênero, as formas de manifestação das sexualidades também não são meramente individuais. Pois, sim, temos muitos aspectos particulares e subjetivos das vivências da sexualidade a nível individual, mas há também a sexualidade enquanto uma categoria que é pensada para estruturar as relações sociais e que pode ser analisada histórica e objetivamente para uma leitura da realidade. Para nós, enquanto professores pesquisadores gays que somos, aí reside uma relevância dessas categorias em investigações possíveis e reverberações (inclusive) científicas.

Por conseguinte, perguntei então a Robson... "É uma necessidade tratar desses temas durante a formação do professor de Geografia?" Ao direcionar esse questionamento ao professor, ele foi assertivo e contundente ao apontar que tais assuntos devem estar presentes na formação docente inicial, colocando da seguinte forma:

Eu sou um defensor de que essas questões apareçam, não só apareçam no sentido da figuração, mas que elas apareçam no sentido do debate do aprofundamento, que elas ajudem os estudantes a comporem um olhar sobre as relações de Gênero em geral, as relações de Gênero relacionadas ao arcabouço da Geografia, ao que diz respeito à Geografia e à formação do seu professor. Por dois motivos, ou mais do que dois, talvez... por que Gênero e Sexualidade estão presentes na nossa vida e no nosso cotidiano, antes mesmo do nosso nascimento. Eu acho que nós já começamos com um marcador de Gênero e de Sexualidade lá com o resultado do ultrassom, quando nossa mãe tá grávida de nós, porque já começam a projetar, sem nos conhecerem já começam a projetar que papéis de gênero bem definidos ali que não necessariamente são aqueles que o sujeito vai querer desempenhar ou

vai querer ter como performance de vida. Então, esse é um dos motivos. O segundo é que essas formas pelas quais os sujeitos expressam o Gênero e a Sexualidade, elas também, de forma implícita ou não, elas acabam conformando espaços geográficos, microterritorialidades, principalmente, organização de grupos, guetos.

É interessante a maneira como o professor Robson ressalta ambos os aspectos pelos quais é relevante o estudo desses temas na formação docente inicial em Geografia, tanto para a compreensão do gênero e das sexualidades em relação aos sujeitos e seu cotidiano, quanto para o entendimento destes dois enquanto categorias que são também geográficas, pois são sempre especializadas. Assim, podemos perceber que há movimento do gênero e das sexualidades na (con)formação dos espaços, no aspecto das microterritorialidades, e um movimento também do espaço para a produção e performatividade dos sujeitos no exercício de suas identidades de gênero e sexualidade.

São, então, categorias estruturantes do próprio espaço, na medida em que direcionam e segmentam populações, em diferentes territorialidades, com uma contribuição do conjunto de identidade dos sujeitos para a (trans)formação dos espaços, de maneira, muitas vezes, nitidamente marcada nas paisagens. Sendo o entendimento dessa geograficidade inerente ao gênero e à sexualidade permeado pelo que essas temáticas conquistam junto ao rol de assuntos tratados pela Geografia na produção do conhecimento. Não sendo, portanto, categorias acabadas, prontas e estáticas esperando serem apreendidas.

Indaguei aí ao professor, com o decorrer da conversa, o seguinte questionamento: “Se há essa necessidade de se tratar desses assuntos na formação docente, como seria possível abordar estes temas em conteúdos da Geografia?”

Sim, é possível, tanto é que na reformulação do PPC que nós fizemos, especialmente nas disciplinas que eu e a professora Paula trabalhamos e vamos alternando entre nós entre os semestres, que é uma de Estágio e de Geografia Política, em Geografia Política nós colocamos um termo na ementa que é a questão de Geografia Política e questões de cotidiano, pra discutirmos essas questões de microterritorialidades, de novas espacialidades e temporalidades que são produzidas também do ponto de vista de uma Geografia Política vinculada ao cotidiano em uma escala mais próxima.

Porque, geralmente, o que tem acontecido? Tradicionalmente a Geografia Política vem sendo trabalhada naquela perspectiva de compreender as relações de poder mais amplo, e ela esquece ou faz questão de esquecer, esconder, que essas questões do poder elas também estão colocadas nos espaços em escalas mais próximas do sujeito, e aí nos inserimos essa discussão na disciplina de Geografia Política.

Como pode ser visto, na sinalização feita pelo professor, há uma preocupação de já se trabalhar com questões relativas a Gênero e Sexualidade de maneira transversal, o que denota a capilaridade que tais categorias podem ter em diversas áreas da Geografia.

Outro aspecto também trazido por Robson, para além da relevância acadêmico-científica da discussão de tais assuntos, diz respeito à relevância social desses temas. Na continuidade de sua resposta, podemos notar a atenção dada aos sujeitos e ao acolhimento de suas subjetividades/identidades.

Daí nós começamos também a perceber que essas discussões eram necessárias não só para formação e atuação desses alunos fora da universidade, mas também para que eles conseguissem se sentir acolhidos pela universidade, pelo curso e também em outros elementos pra mostrar que a Geografia também poderia dar condições pra isso. Então hoje nós temos um universo de estudantes declarados gays, lésbicas, bissexuais, transexuais. Nós temos um aluno trans que iniciou esse ano, e nós tentamos mostrar também pelo conteúdo que ele era acolhido, que ele era bem-vindo, tanto do ponto de vista institucional, pessoal, mas também a partir daquilo que a universidade discute.

Esse acolhimento e respeito às diferenças, de maneira mais efetiva, é uma grande questão para os estudantes LGBTs e participantes de coletivos (Moreira, 2021). Desta forma, a aproximação com a realidade dos alunos pode se dar em outro nível, ainda mais profundo e profícuo, inclusive no que se refere à facilitação do processo de aprendizagem pelo educando.

Acolher de maneira enfática diferentes identidades de gênero e sexualidades não se trata apenas de efetivar o direito destes a estudar e respeitar as diferenças, mas de estabelecer uma conexão real com os estudantes, recusando a ideia de uma pretensa abordagem universal e descompromissada no ensino. Somente com essas conexões e afetividade é possível tornar o processo de ensino-aprendizagem algo ainda mais significativo para aqueles que, em outros tempos, sentiram desconfortos ao estarem dentro de espaços educacionais, como alvos de hostilidade e discriminação.

Como últimos exemplos dessa aproximação, Robson ainda menciona o Estágio Supervisionado e a disciplina de Geografia Agrária como possibilidades de abordagem das temáticas.

[...] Outro caso é no contexto de um dos Estágios Supervisionados que nós colocamos discussões sobre Geografia em espaços formais e não formais em educação, e num rol de instituições que eles podem desenvolver está grupos que discutem questões de Gênero e de Sexualidade. Daí o outro exemplo também, pra além das disciplinas aqui que a gente faz, é que um dos nossos professores, que atua na Geografia Agrária, tem também discutido as questões de Gênero na perspectiva da Geografia Agrária...

Melhor dizendo, a influência entre as formas de organização produtiva e familiar dos espaços rurais aqui da região e como que isso influencia no processo de migração, especialmente das meninas saindo do campo para a cidade pra cursar licenciatura. E aí dentro dessas relações campo-cidade, trazendo a questão da sucessão, e o porquê não tem sucessão feminina lá...

Nessas últimas partes da resposta, o Estágio Supervisionado é trazido como possibilidade de abertura para a discussão, o que proporciona a reflexão tanto dentro do curso de formação de professores, quanto nos espaços educativos nos quais experiências e diálogos são vividos.

E, por fim, ele menciona o quanto a Geografia Agrária pode ser “atravessada” pela questão de gênero, no tratamento de problemáticas locais das dinâmicas populacionais e migratórias. Todas essas possibilidades convergem com um importante apontamento já feito por Joseli Maria Silva, em 2009:

[...] as geografias feministas e queer não são saberes que devem se manter auto-centrados e/ou isolados. Possuem focos de interpretação da realidade socioespacial que, de forma dialógica com os demais sub-campos da geografia, podem subverter o monotopismo e produzir pluriversalidades espaciais, enriquecendo nossa ciência como um todo (Silva, 2009, p. 11).

No entanto, para que esses conhecimentos possam ser construídos e reverberem em mudanças, tais temáticas precisam compor de maneira mais evidente a formação dos professores, inclusive sendo incluídas no currículo oficial dos cursos. Foi com essa premissa que direcionei ao professor a pergunta que se segue na entrevista... "Você já teve alguma formação relativa especificamente a essas temáticas? Qual?"

Não. Não tivemos. Mas não tivemos também porque foi uma temática que começou a entrar em cena, bem depois da minha formação, por um lado, e, por outro lado, é como eu te falei antes, né, na graduação e na especialização principalmente, veio muito focado no materialismo histórico e dialético. E o materialismo histórico e dialético ele discute muito mais a... (a desigualdade) desigualdade pelo viés de classe, ele não traz muito a raça e o Gênero muito pra dentro disso, então não teve. Até pela própria base teórica que os professores seguiam, que não discute isso.

Como já era imaginado enquanto hipótese na pesquisa, e se confirmou, quase nenhum professor entrevistado recebeu qualquer tipo de formação relativa a gênero e sexualidade durante suas formações iniciais, e poucos tiveram algum contato com essas temáticas. Nos casos em que havia esse contato, quase sempre era feito por procura voluntária do professor durante sua formação continuada, ou seja, não havia nenhuma institucionalização enquanto requisito para avanço, seja em cursos de formação inicial ou continuada ofertados pelas instituições.

Robson aponta, de maneira muito acertada, a influência da Geografia Crítica presente nos currículos dos cursos, o que não é a *priori* algo negativo, mas que comunica, por outro lado, a necessidade de seguirmos indo além da discussão sobre classe social e desigualdade econômica, problematizando mais outras categorias e nuances espaciais, também apoiadas nas noções de gênero e sexualidades.

Não se trata, portanto, de abandonar o viés crítico da Geografia no que se refere à desigualdade social e às relações econômicas, mas, ao contrário, trata-se de uma melhor preparação e qualificação docente, por meio da formação e seu currículo, para aprofundar o debate sobre as desigualdades socioespaciais, compreendendo qual o papel do gênero e das sexualidades na composição dessas assimetrias.

Quais corpos importam mais ou menos em determinados contextos socioespaciais? E quais corpos são mais explorados em umas ou outras atividades trabalhistas pelas sanhas do capital e da lógica neoliberal? Quem são aqueles corpos que mais estão colocados em situação de vulnerabilidade econômica e quais corpos ascendem mais facilmente? Quais corpos são impedidos, agredidos ou mortos, ao acessarem certos espaços? Essas questões corpóreas estão submersas em relações de gênero, racialidades e sexualidades.

Aproximando-se da parte final de nossa conversa, perguntei ao professor Robson sobre os dados relacionados aos assassinatos e agressões dirigidos às pessoas LGBTs no Brasil, mencionando que, segundo dados da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT, 2016) “[...] o Brasil é o país que mais mata LGBTs (ABGLT, 2016), por crimes de ódio, no mundo. Não por assalto ou latrocínio, mas por ódio”, além de ter altos índices de feminicídio e violência doméstica, dados também já conhecidos.

Após a menção, indaguei a Robson: "Eu gostaria que tu comentasses um pouco, na tua perspectiva, porque que o Brasil apresenta esse cenário um pouco pesado, se a gente fosse comparar com alguns países europeus, por exemplo."

Acho que são pelo menos mais do que três motivos. Acho que o primeiro deles tá muito ligado a essa concepção, que já vem junto com a colonização, e por consequência a colonialidade, que quem exerce o papel de poder, o papel de destaque, é o homem, o homem hétero-cis, e vinculado muito a uma questão da força, e tudo aquilo que foge disso precisa ser combatido. Então eu acho que aí já vem de um passado colonial, colonizado, colonizador, etc. e tal.

Esse comentário do professor é muito rico, se analisarmos a observação feita por ele sobre o caráter colonialista impresso nas relações sociais brasileiras, a partir de sua própria história. Corroboro com a ideia de que a maneira de nos relacionarmos tem muito a ver com nosso contexto histórico e geográfico. O lugar, a cultura e o tempo em que uma sociedade é formada, neste caso, a nossa, exerce influência em como essa sociedade vai ser organizada e como se darão as relações em seu interior.

Ancoradas nessa influência, existem expectativas do que se espera do perfil geral do homem e da mulher brasileira, seus papéis de gênero e suas sexualidades. Daí descendem também os imaginários e as (re)ações relativas aos corpos e identidades que rompem com essas expectativas e/ou normas sociais.

Não podemos, portanto, nos furtar da compreensão do Brasil enquanto país latino-americano que teve sua construção/colonização baseada em invasões,

violências e explorações múltiplas, produzindo assimetrias, desigualdades e infelicidades aos corpos que menos importavam.

Robson segue então seu raciocínio trazendo outros pontos, sinalizando:

O segundo elemento, na minha perspectiva, é o elemento religioso, cristianismo em geral, mas com muito mais força o cristianismo neopentecostal, em que os ‘demônios precisam ser combatidos’, e aí por um argumento bastante presente, que é uma percepção que eu faço, que quando se vinculou a religião a poder econômico, e ao fator de que esse poder econômico acaba resultando em dinheiro pro pastor e pra alguns determinados grupos políticos, primeiro você precisa vender a ideia de que existe um demônio na sociedade e, depois que essa ideia de que existe um demônio na sociedade está comprada pelas pessoas, você precisa vender a salvação...

Nesse apontamento, o professor continua nos brindando com a lúcida observação sobre outra questão, a importância do elemento religioso fundamentalista no controle e organização dos corpos perante à sociedade, produzindo como efeito a percepção de quais corpos e identidades devem ser preferidos e quais devem ser preteridos.

Na história brasileira, mulheres e LGBTs ora foram criminalizados, sofrendo privações e restrições de direitos, seja relativo ao exercício de suas sexualidades ou outras formas de proibição/opressão, ora foram demonizados ou destituídos de poder sobre seus próprios corpos, por alguns discursos religiosos fundamentalistas, algo que alguns tentam perpetrar até os dias atuais.

Do século XV ao XIX, articula-se, tanto na Igreja Católica quanto no mundo por ela influenciado, uma moral que vê o sexo apenas como uma forma de procriação. Nesse período, os pecados sexuais são de dois tipos: consonantes com a natureza (fornicação, adultério, incesto, estupro e rapto) e contrários à natureza (masturbação, sodomia, homossexualidade e bestialidade). Os pecados consonantes com a natureza como o estupro, adultério, etc., quando realizados por homens, sempre encontraram certa convivência social, como se eles possuíssem uma menor gravidade. Isso é algo que pode ser sentido em vários discursos machistas na atualidade. Os pecados pertencentes ao segundo grupo, aqueles que seriam contra a natureza, eram entendidos como mais graves, pois feriam o critério de procriação, constituindo, no discurso sedimentado historicamente, um abuso mais radical da sexualidade humana (Torres, 2010. p. 24-25).

Para além da criminalização e da “pecaminização”/demonização, Robson também coloca a relevância da mídia enquanto produção de cultura, durante muito tempo mantenedora das normas sociais, pontuando:

E o terceiro elemento acho que é a forma como a própria mídia tratou essas questões de sexualidade... Sempre os vencedores foram

Carlos André Gayer Moreira

homens cis-hétero ou a mulher empreendedora de si mesma, que sai do Nordeste como a Maria do Carmo que vai vencer na vida. E é muito recentemente que se aparecem, por exemplo, o personagem Félix na televisão, por mais que fosse vinculado a um personagem homossexual bem-sucedido, era o sujeito mau da história. Ou, se não, a própria 'caricaturização' que se fez com alguns trejeitos com diferentes personagens, começando pelo 'Seu Peru', 'Vera Verão', etecétera e tal, que acabou sendo muito mais motivo de riso do que motivo de compreensão das sexualidades diversas... Gêneros diversos, que poderia acontecer ali.

Assim, Robson percebe o quanto os discursos jurídicos, teológicos e midiáticos produzem (ou buscam produzir) efeitos de verdade, conforme Michel Foucault explicitava em suas obras sobre o discurso enquanto campo de análise. E, neste caso, um efeito de "verdade" sempre prejudicial para as sexualidades não heteronormativas, ora vistas como crime, ora tidas como pecado, ou mesmo algo risível, passível de ridicularização e escárnio.

Ao final de sua resposta sobre o assunto, Robson ainda menciona o discurso médico/biológico, completando o quadro de discursos que Foucault justamente trazia em suas obras, como aqueles para produzir controle sobre a sexualidade dos sujeitos. O professor entrevistado então fecha sua resposta da seguinte forma:

Então, existem outros elementos, mas eu acho que o coadunar desses aqui, eles acabam convergindo para que isso aconteça. Sem contar o elemento de que historicamente essa é uma discussão, que quando ela vem pra escola, ela acaba aparecendo muito mais do ponto de vista do sexo biológico, para dizer o que compõe o teu corpo, qual é a função de cada um desses elementos que compõe o teu corpo, como é que você tem que cuidar. Muito naquela ideia de que, nos 70, 80, principalmente, início dos anos 90, traziam nos Livros Didáticos, Ciências e Programas de Saúde, do que como compreensão das diversidades que aconteciam ali... Era homem é homem, mulher é mulher, vagina, vaginas, pênis, pênis, etc, e como fazer o filho a partir dali.

Nesse momento, é observado o quanto precisamos fazer com que as atualizações acadêmico-científicas sobre tais assuntos cheguem à sociedade de maneira mais efetiva e ágil, e podemos depreender que há forte necessidade de disputa de outras vozes na produção de discursos mais coerentes com a realidade, a ciência de vanguarda (já mais atual) e a vida, de forma plural.

Como já havia mencionado, neste trabalho, importa também saber e versar um pouco sobre aqueles que foram entrevistados, neste caso aqui, sobre o professor Robson, para além de sua descrição objetiva e profissional. Por esse motivo, em uma das questões finais lhe perguntei: "Você já presenciou ou vivenciou algum episódio de machismo e/ou LGBTfobia em sala de aula? Qual?" E, a partir de seu consentimento, sem hesitar, começou a responder:

Eu costumo dizer quando as pessoas me perguntam como que você se descobriu gay, eu costumo dizer que eu não descobri, me contaram na escola. Justamente por essas questões de homofobia. Eu estudava numa escola do interior, multiseriada, zona rural e fui pra uma escola do Paraná, na cidade, e no primeiro de aula já apontaram o dedo e disseram 'é bixinha'. E a partir daí que eu comecei a perceber que tinha alguma dissonância no que tava colocado ali. E aí uma coisa muito interessante, que eu consigo analisar depois, é que isso só foi parar, as questões de homofobia na escola, no momento que eu consigo mostrar a minha qualidade no ponto de vista das notas. O respeito que veio pra mim não era por quem eu era ou (como) que eu (me) comportava. Eu comecei a ganhar respeito, ganhar um certo grau de aceitabilidade entre os alunos lá, entre os que deveriam ser colegas naquele momento, pelo posto que as notas me davam vamos dizer assim, 'olha é um aluno inteligente', etc. Então começo vivenciando por aí.

Esse trecho inicial da resposta de Robson é muito interessante em muitos aspectos. Primeiro, por retratar a heteronormatividade imposta pela sociedade, de maneira prática, fica visível o que muitos de nós viemos escrevendo em nossas obras nas últimas décadas. Em segundo lugar, porque mostra a condição que nos é colocada para cessar ou ao menos diminuir a dor da exclusão e da hostilidade/discriminação: é preciso “compensar”. Alio-me a esse pensamento trazido por Robson, pois me identifico, assim como outros, com o fato de precisarmos compensar algo tido como negativo com outro atributo que possa, de alguma maneira, “neutralizar” essa negatividade marcada em nossa corporeidade.

Inúmeras vezes convivemos com frases como: “ele é gay, mas é inteligente”; “é um veado ‘de respeito’, um bom profissional”; “ele é boiola, mas ao menos é bem culto, bastante educado”. Ouvimos, e muito!, essas e outras frases, disfarçadas de elogio, como se precisássemos compensar de alguma forma o fato de sermos “gays, baitolas, boiolas, homossexuais, veados e putos”.

Não precisamos compensar nada. Não temos necessariamente que arcar com a responsabilidade de consolar familiares e amigos ou colegas. Não somos castigo divino. Não somos obra do demônio. Tampouco precisamos ser vistos como seres especiais ou peças de Deus para ensinar qualquer lição que seja.

Deveríamos apenas não ter tido nossos direitos privados, nossas infâncias atazanadas, nossas sexualidades censuradas, nossas liberdades e vidas arrancadas de nós mesmos. Mesmo assim, não podemos discordar da preocupação que muitos familiares nossos possuem sobre o quanto o mundo espera que compensemos de alguma forma, e, por isso, minimamente, “tirar boas notas” e construir algum sucesso são algumas das estratégias para conseguirmos mudanças, mesmo que irrisórias, na maneira como somos vistos.

Robson demarca que isso se torna ainda mais intenso na sequência de seus estudos, ao continuar sua resposta:

No segundo momento, que vem muito forte, é que quando eu vou pro ensino médio em outra escola, outra cidade, que isso vem com muito mais força. Eu, de novo, a mesma questão dos alunos, de eu começar a ganhar o respeito, começar a ser acolhido em alguns grupos, pelo meu posicionamento em relação às notas. E aí foi a primeira vez que uma professora de educação física começou a me segregar e em função do meu comportamento, da minha forma de ser, etc e tal. 'Bom, já que você não gosta de jogar futebol, enquanto os alunos jogam futebol e você não tem essa destreza pro futebol, vai pra biblioteca copiar conteúdo'. Em vez de tentar criar uma ambiência na própria aula de educação física pro acolhimento, etc. e tal.

Esse relato do professor, trazido pela memória como algo dolorosamente marcante nos faz refletir sobre a escola enquanto instituição que deve promover a igualdade e a pluralidade, mas que ainda está muito aquém de alcançar tal tarefa de forma satisfatória, sobretudo em contextos socioespaciais mais “afastados” dos grandes centros de debate e informação. Em espaços mais conservadores, qualquer menção sobre tais temas ou discussões iniciais já é tida como suficiente ou até mesmo como absurda, “exagerada” e desnecessária.

Guacira Lopes Louro (2000) já apontava, décadas atrás, o quanto o espaço escolar reflete a estrutura heteronormativa presente na cultura onde está inserida e pode se caracterizar como um lugar de sofrimento para estudantes:

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém ‘assuma’ sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo — inato a todos — deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância (Louro, 2000, p. 24).

Para além desses aspectos de conforto sobre o lugar de construção de conhecimento, precisamos atentar para o próprio desempenho dos alunos em relação aos diferentes conteúdos e componentes curriculares, que pode ser afetado por tais afastamentos e hostilidades.

Assim como no caso da Educação Física, mencionado por Robson, quais outros professores e disciplinas (como a Geografia) poderiam causar desconfortos aos alunos, afastando-os dos conteúdos e da possibilidade de desenvolverem seus potenciais de maneira mais plena? Pensar sobre tal problemática também é um papel dos professores, estejam eles em formação ou já formados em diferentes áreas do conhecimento.

Por último, Robson ainda coloca a questão da sexualidade como algo que também influencia na profissão docente, reiterando como e quanto sua corporeidade é lida como transgressora do sistema heteronormativo, relatando parte de sua história, ao dizer:

Depois, quando eu volto pra essa mesma escola, como professor, os alunos das séries mais adiantadas que estavam nas séries iniciais naquele mesmo período que eu estava lá como estudante, eles relembram isso e eles começam a fazer esse processo de bullying, vamos dizer assim, comigo, enquanto professor. Então... E a gente acaba criando uma espécie de escudo pra se defender, inclusive, né. E aí hoje eu faço a minha 'mea culpa', que apesar de estar nessa condição de Gênero e Sexualidade eu não acolhi os meus alunos que estavam na mesma condição minha, pra não correr o risco de ser mal interpretado... Imagina, uma cidade de 5.000 habitantes, conservadora, etc e tal, pra não correr o risco de ser interpretado como o professor que tava assediando o aluno, porque tava numa condição de Sexualidade e Gênero muito parecida com a minha, e que também estava vulnerável aos outros. Eu não praticava o bullying com eles, vamos dizer assim, mas eu também não acolhia pra dizer 'vem cá, eu compreendo a situação, eu sei que você tá colocado aí'...

É cruel conosco, professores pesquisadores gays, quando nosso trabalho é questionado, colocado à prova, e somos lidos como aqueles que colocam a segurança e integridade de estudantes em risco, simplesmente por ser quem somos. Mas, ainda hoje, muitos de nós se veem precisando se vigiar e “policar” nas palavras, nos gestos, no afeto, para não serem “mal interpretados”.

Cabe aqui mais um questionamento: se somos travados ao exercermos à docência, mesmo em relação à atenção dirigida aos nossos alunos LGBTs, qual liberdade temos para dar nosso melhor em prol do desenvolvimento de nossos estudantes? Conseguimos mediar o processo de ensino-aprendizagem junto ao aluno de maneira plena ou distante, para estar adequado aos olhares alheios?

Parte da resposta está em um último recado, deixado por Robson, na resposta dada por ele, quando finalmente fiz a última pergunta: "Mas caso ocorram (situações de machismo e LGBTfobia), como o professor deve proceder diante de episódios machismo, de homofobia, de opressão?" Como última resposta, Robson ressaltou a importância de ser pedagógico:

[...] Esse posicionamento, acho que precisa ser muito mais pelo diálogo do que pela punição. E aí o diálogo respeitando as individualidades dos estudantes, respeitando as características de cada um, mas mostrando tanto para aquela pessoa que sofreu o preconceito, que ela é bem-vinda, que ela é acolhida, que não é um problema de ser assim, que a sociedade não a compreende e acaba levando ela a ser vítima disso. Mas também mostrar pro outro as possibilidades de mudança e de outros olhares, que ele respeitar a Sexualidade ou a condição de Gênero do outro, não é um desabono pra postura que ele tem e acredita ser o certo. Acho que o papel do professor é nesse meio de campo, até porque esse momento, do resolver um conflito precisa ser um momento pedagógico também, ou seja, se você vai no sujeito que praticou o preconceito, etc e tal, muito

incisivo, xingando, vamos dizer assim... Ele vai ser reativo em relação a isso, então nós precisamos também, se nós lutamos por respeito, precisa atuar de forma respeitosa, pra mostrar pro outro essas possibilidades de novas leituras.

Encontrar esse equilíbrio na mediação nem sempre é fácil, mas se pretendemos ir para além de nossas bolhas e nichos, precisamos entrar em contato com o conflito e pensar estrategicamente de maneira pedagógica, concretizando nosso papel de desmistificadores e contestadores do senso comum.

Segundo Cavalcanti (2008, p.8 6), é preciso “formar o indivíduo, seu pensamento autônomo, crítico, que tenha sua subjetividade legitimada, suas múltiplas identidades respeitadas”, e Robson foi preciso ao sinalizar a importância de compreender diferentes subjetividades, individualidades e concepções de mundo e sociedade para, a partir de então, poder contribuir com a ampliação de consciência e horizontes de nossos alunos.

Haveria muito mais o que explorar nessas questões (e respostas) postas no diálogo junto ao professor Robson. Gostaria de ter tido mais oportunidades e conversas como essa. Não as terei. A nós, colegas, amigos e leitores, foi-nos tirada essa possibilidade.

Por isso, e para formarmos indivíduos com maior autonomia e criticidade em suas atitudes e tomadas de decisão, precisamos nos conectar aos mesmos durante o processo de ensino-aprendizagem. Isso implica em (re)conhecer e acolher suas identidades, seus conflitos e anseios.

Nada disso se faz sem um ensino de Geografia que revise constantemente suas formulações teórico-metodológicas, a formação de professores, o currículo e observação da vida, quer seja de estudantes ou de docentes, suas corporeidades, trabalhos e cotidiano.

Comentários e considerações do autor (ou O começo do fim)

Diante das falas do professor Robson, desde o início, há elementos que nos fazem pensar e refletir sobre um olhar de protagonismo das relações entre Geografia, Gênero e Sexualidades. Em suas palavras, podemos notar uma preocupação para com o sentido que a Geografia deve fazer na vida das pessoas em sociedade, para além dos seus conteúdos tradicionalmente tratados.

Essa maneira de ver e imaginar o espaço, de forma mais relacional e abrangente (incluindo temáticas sociais) está presente no que Doreen Massey (2012) vai abarcar em sua obra "Pelo Espaço: Uma nova política da espacialidade". Segundo a autora, apenas com um pensamento sobre o espaço de forma mais relacional e dinâmica é possível buscar uma melhor compreensão dos fenômenos geográficos em seus diferentes aspectos.

Pensar no papel do ensino da Geografia em relação a isso é um aspecto importante não apenas para esses temas serem tratados geograficamente, mas para que os sujeitos LGBTs se sintam também como sujeitos de interesse, tanto como pesquisados como enquanto pesquisadores.

Para isso, ainda que seja necessário a criação de disciplinas específicas que discutam questões de gênero e sexualidades no currículo da Geografia, não

basta que concentremos toda a gama de possibilidades dessa discussão a um ou outro componente curricular.

Isso significa dizer que a Geografia precisa estar aberta como um todo para que estas temáticas possam permear seus currículos também no tocante a subáreas como as Geografias: Urbana, Agrária, Política, Econômica, Cultural, etc. Sem que isso seja encarado como uma “concessão piedosa” ou uma descaracterização deste campo do saber.

Não se pode perder de vista que isso representa, em verdade, também uma maior “complexificação” na análise dos estudos geográficos, sabendo que gênero e sexualidade são também categorias especializadas, ou seja, uma rica oportunidade de fazermos leituras mais completas sobre o próprio espaço.

Um outro ponto que gostaria de comentar é sobre o sofrimento de pessoas LGBTs, que o próprio professor Robson relatou haver, durante sua vida estudantil e profissional, e o fato de essa abertura da Geografia (tanto acadêmica quanto escolar) certamente contribuir para uma mobilização de discursos progressistas na sociedade, onde pessoas LGBTs, por exemplo, possam ser mais acolhidas e compreendidas.

Este fato se torna algo ainda mais importante quando se trata de um país como o Brasil, onde há os maiores índices de registros de assassinatos e crimes de ódio contra a população LGBT, no mundo todo (Brasil, 2012; ABGLT, 2016), e a rede de ensino encontra grande dificuldade na efetivação de princípios de pluralidade e igualdade a que se propôs.

Pensando então em tais violências, que tanto marcaram a história e as presentes falas do professor Robson, em sua corporeidade e cotidiano, assim como acontece com tantos outros jovens LGBTs nas escolas (e universidades), sendo eles estudantes ou trabalhadores da educação, é preciso que encontremos na Geografia também uma possibilidade de apoio, na deflagração e no combate não apenas das desigualdades econômicas, mas também das discriminações.

Como forma de (re) pensarmos a Geografia e o ensino, e a formação da nossa própria identidade e corporeidades enquanto pessoas LGBTs, em meu caso igualmente ao professor Robson, homem gay, professor pesquisador da grande área da Geografia, é necessário que reflitamos sobre os espaços que nos (trans) formam, sobretudo universidade, escola, nossos locais de estudo e trabalho. Sobre esses espaços e suas relações com a educação, convirjo com a ideia de Miskolci (2012), quando diz que:

O grande desafio na educação talvez permaneça o mesmo: o de repensar o que é educar, como educar e para que educar. Em uma perspectiva não normalizadora, educar seria uma atividade dialógica em que as experiências até hoje invisibilizadas, não reconhecidas ou, mais comumente, violentadas, passassem a ser incorporadas no cotidiano escolar, modificando a hierarquia entre quem educa e quem é educado e buscando estabelecer mais simetria entre eles de forma a se passar da educação para um aprendizado relacional e transformador para ambos (Miskolci, 2012, p. 55).

Apenas com uma educação fortemente comprometida com a pluralidade e a ideia de justiça social, é que podemos vislumbrar em um futuro, ainda que

longínquo, onde o gênero e a sexualidade não sejam mais elementos de disparidades, desigualdades, e discriminações tão cruéis. Pois, se, mesmo com essas discussões sendo realizadas no âmbito (principalmente) da educação e das ciências humanas, temos grande dificuldade em avançar socialmente, sem essas últimas, tal ambição seria irremediavelmente impossível.

Professor Robson, nosso colega de profissão dentro da Geografia, foi assassinado brutalmente, tal qual muitos de nós LGBTs, “estrangulado até a morte com a alça de uma bolsa de couro”, talvez a bolsa que utilizava como objeto para o trabalho, muitas vezes atravessado sobre nossos corpos, quando nos dirigimos aos ambientes em que laboramos, ensinamos e fazemos nossas pesquisas. E isso é simbólico em seus múltiplos aspectos.

Nosso colega e amigo Robson não teve chance de seguir combatendo as discriminações, pois lhe foi tirada essa oportunidade de maneira vil, premeditada e prematura, assegurando que, mais uma vez, a estrutura heteronormativa vigente na sociedade brasileira se imponha sobre nossas corporeidades diversas. E, para os que se importam, cada vez que um de nós cai, sentimos um pouco na própria pele, na carne, os efeitos dessa brutalidade.

Então, para que mais professores pesquisadores possam sonhar e viver, como Robson tentou, em um mundo ao menos um pouco menos enfadonho em relação aos seus corpos e sexualidades, é preciso dizer um pouco mais sobre tudo isso que aflige e flagela o corpo e a alma de uma pessoa LGBT.

Ainda que não haja, de fato, um fim utópico para a LGBTfobia que tanto assola nosso país, é preciso que o começo de sua prostração ocorra, ou ao menos as mortes odiantas e odiosas decorrentes de tal discriminação. É preciso que as palavras sejam ditas e, mais do que isso, escutadas.

Nossos corpos e nossas sexualidades não precisam de nenhuma romantização calcada na ideia de amor heteronormativo, mas não devemos e não vamos assumir também o discurso de que nossos amores não valem nada, de que nosso sexo é sujo, e de que somos escória.

Pois, se nos querem vistos como inúteis, seremos nós trabalhadores, e se nos querem às margens, viveremos para ir ao encontro da centralidade das discussões. Não há tempo para esperar, não há espaço para recuar. Assim, é preciso seguir, e continuaremos inspirados, por seres humanos e profissionais como fostes/és, Robson Olivino Paim. Obrigado, por tudo! Obrigado, por tanto!

Referências

ABGLT. Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

BRASIL. **Relatório Sobre Violência Homofóbica 2012**. Secretaria de Direitos Humanos da República, 2012. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>. Acesso em: 2 set. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Trad.: de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, 2001. n.114, p. 197-223.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad.: Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica/UFOP, 2012.

MOREIRA, Carlos A. G. **Geografias Queer e Currículo**: Por uma educação geográfica fora do armário, 2021. 209f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, UFRGS, Porto Alegre, 2021.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Joseli Maria. Geografia, gênero e sexualidades: desafiando as práticas investigativas. In: **XII Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2009.

SILVA, Joseli Maria; NABOZNY, Almir; ORNAT, Marcio Jose. A visibilidade e a invisibilidade feminina na pesquisa geográfica: uma questão de escolhas metodológicas. **Abordagens Geográficas**, Vol. 1, n.1, p. 23-41, out/nov. 2010.

TORRES, Marco Antônio. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Recebido em 18 de novembro de 2023.

Aceito em 19 de março de 2024.

Carlos André Gayer Moreira

